HERMINIA:

AGEDIA

COMPOSTA

POR

FRANCISCO SOARES FRANCO.

Bacharel formado na Faculdade de Filosofia.

LISBOA:

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. XCIII.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

ARGUMENTO.

No tempo, em que Mahamet Sultão do Egypto combatia por defender Jerusalem do furor, com que os Cruzados a pezar de tantas desgraças a atacavão, Godofredo de Bulhão, Duque de Barbante, vendendo a sua terra de Bulhão ao Cabido de Liege, e Stenay ao Bispo de Verdun, acompanhado de alguns senhores da Europa, que pensavão não lhes ser preciso mais, que o seu valor, e algum dinheiro, para conquistar Reinos na Asia, passou á Palestina.

A primeira expedição foi saquear, e matar os infelices habitantes de huma Cidade Christã na Hungria; tendo assim provadas as armas, assaltárão Nicéa, que foi conquistada no anno de 1097; e no de 1099 foi entrada Jerusalem por entre huma horrivel carnagem. Godofredo ficou eleito Duque de Jerusalem; mas como esta Cidade era Santa, foi preciso, que a tyrannia cedesse ao fanatismo, de sorte, que hum Legado, por nome d'Anberto, ficou dando as leis em Jerusalem, em quanto Bulhão trocava pela usurpação do pequeno porto de Joppé o senhorio dos melhores Paizes da Europa. As divisões continuárão: não houve quasi Cidade alguma, que não tivesse a sorte de pertencer a senhor particular, sorte, que não con-

coube ao Duque dos Normandos, por
zão passou ao Cayro para obter com a
ça de Religião a do interesse: e para
gar do Duque de Barbante seu com
roubou Herminia, irmã de Godofredo
do esta não contava anno de idade.

Logo depois huma Sultana, Mãi
mene, rendida aos furiosos transportes,
pira huma rival no throno, e no amor
dou matar outra Sultana Mãi de Selim
tregando este innocente Infante ao Duq
Normandos, que já Musulmano se ch
Hamet, pensando com razão encontrar
Apostata o coração amoldavel a todos
mes. Hamet da sua parte entregou Her
que debaixo do nome de Osmira era
estimada da Sultana, ou fosse lisonja, ou
zade.

Selim ignorando a sua sorte, a pre
com seu Pai supposto a ser Heroe na e
militar; victorias gloriosas tornárão por
o Imperio tão famoso o seu nome, que
mene, a filha do Grão-Sultão não pensou
xar-se em ama-lo, sem que o conhecesse po
mão: crescêrão estes amores em pouco tem
alto ponto: mas logo depois o cargo de G
ral chamou Selim ás fronteiras ameaçada
guerra, em quanto Celimene saudosa foi
tar na casa de Campo, que em antigos
pos os Sultões fabricárão junto ás margen
Nilo. Amurathes Principe do sangue Real,
nhecendo nos amores de Celimene, quanto

tava longe do throno, ajuntou grande número de Conjurados; porém para dar o golpe com mais segurança, esperava, que Selim voltasse ao Cayro, temendo justamente, que o grande desejo de ser Sultão, lhe custasse com a vida o arrependimento do crime, quando já não havia tempo para o remedio. Voltou Selim ao Cayro; na seguinte noite desfechou a tempestade; Mahomet foi morto na sua mesma camera; porém Selim achou no seu braço se não escudo ao Rei, e a Patria, defensa a si mesmo. Seguido de alguns companheiros abrio por entre os rebeldes largo caminho, para poder chegar onde estava Celimene, com a qual fugio em hum pequeno Navio: Amurathes mandou logo huma armada para os prender, o que succedeo effectivamente. Mas este Tyranno ficou tão surprendido de Osmira, em quem a natureza tinha com tanta perfeição unido tudo o que ha de mais nobre, e mais amavel; que dahi em diante ella formava o unico objecto dos seus pensamentos. Osmira tambem amava muito Amurathes; porem os crimes de tal Tyranno pedião aborrecimento, ou ao menos desprezo, da parte da virtude: aqui principia a acção. O amor, e a virtude combatem na alma de Osmira, e desta opposição nasce o enredo da presente Tragedia: todos os Episodios são consequencia desta opposição, o que constitue a unidade de interesse em Osmira.

Fiz do amor o fundo desta Tragedia, inda, que tal paixão fosse desconhecida, ou des-

pre-

prezada pelos Gregos inventores da arte; ma
sem que intente formar o parallelo do no
Theatro com o antigo, he certo, que se o am
for terrivel, e verdadeiramente Tragico, tr
novas bellezas a esta qualidade de Drama
porque ao menos entre nós havemos confess
com Desppreaux que ---

De l' amour la sensible peinture
Est pour aller au cœur la route plus sûre.

Não deve parecer improvavel, o não
rem vistas todas as personagens no 1.°,
2.° Acto, inda que este seja o costume do The
tro Francez, e Corneille o recommende. Am
julgo o contrario mais verosimil, e assim o ju
gárão os Gregos, tanto, que no Edipo de S
phocles, Tragedia a mais bella da antiguid
de, apparecem pela 1. vez, Tiresias, no
Acto, Jocasta no 3., os dous Pastores Cori
thio, e Thebano no 4., e o Official no 5. A
virto em ultimo lugar, que não ha duplicid
de de caracter na passagem do furor á pied
de quasi repentina, que ha entre Amurathes,
Osmira; este he o coração humano. Na Tr
gedia citada, Jocasta, que até o 4. Acto
espirito forte, de repente apparece devota;
esta mudança chama o Padre Brumoy, car
cter admiravel: quem se quizer convencer le
o Prefacio de Voltaire á Mariamne, onde
le dá a Herodes este mesmo caracter.

PERSONAGENS.

AMURATHES, *Tyranno do Egypto, e amante de*

HERMINIA, *ou OSMIRA Irmã de GODOFREDO de BULHÃO.*

CELIMENE, *Filha de Mahamet, Imperador morto, e irmã de*

SELIM, *Supposto filho de*

HAMET, *Grão-Visir de Mahamet.*

AGNOR, *Confidente de Amurathes.*

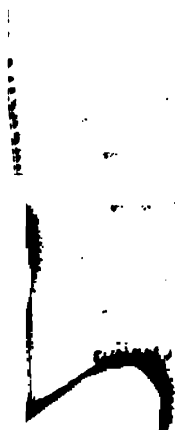
AGAR, *Governador do Serralho.*

Acompanhamento de Amurathes.

Official do Serralho, que falla.

Rien n'est beau que le vrai.

Boileau.

A Scena he no Cayro dentro do Serralho do Sultão

HERMINIA:

TRAGEDIA.

ACTO I.

O Theatro reprefenta a Sala dos Maufoleos dos Sultões do Egypto, os quaes occuparáõ a parte direita, e efquerda: hum delles eftará aberto de novo: no fundo fe verá hum Altar com pouca luz, fobre o qual efteja o Alcorão aberto, e fobre efte hum punhal defembainhado.

SCENA I.

AMURATHES, AGNOR.

AMURAT.

EU era unico Principe do fangue,
Que dos Sultões reftava nefte Imperio.
Mas bem fabes, Agnor, quanto eu temia,
Que o amor entre Selim, e Celimene,
Me arredaffe do Throno defejado.
O partido tomei; nefte Serralho
O Grão-Sultão foi morto, e Celimene,
Sua filha, do amante acompanhada

Nos

Nós mares demandou abrigo inutil.
A armada, que mandei para segui-los,
Já sei, que os encontrou, e que os vencêra:
Seguro sobre o Throno a paz não tenho.
Osmira me aborrece, mas sem ella...
(Embora saibas a fraqueza minha)
Sem ella, Agnor, o Sceptro me he pezado,
A vida não estimo, a morte busco.

AGN.

A lembrança do Pai banhado em sangue,
E da irmã a fugida arrebatada,
Devem fazer-lhe alta impressão por ora.
Porém filha segunda não podendo
Lembrar-se de subir ao Throno, o Throno
Lhe cegará os olhos ambiciosos.

AMUR.

Em fim vou descobrir-te o peito inteiro.
Pois tu pódes valer-me, e neste dia,
Ou morrerei, ou viverei contente.
Sabe, que Osmira não nasceo no Cayro
De terra de Christãos foi, tendo hum a
Não sei por quem, ao Cayro conduzida
E tudo quanto digo está escrito
Em certas provas no Serralho achadas.
Não o publico; pois mais temo ainda
A nova crença, do que o antigo sangu
Este punhal, que vês estar luzindo,
Junto a esse Mausoleo de novo aberto,
Para aterrar Osmira só foi posto.
Usarei do rigor junto á brandura

ι dobrar-lhe o coração altivo.
vem : retiremo-nos hum pouco :
ʼiſta pavoroſa deſte ſitio
ʼentura talvez nos abra campo.

SCENA II.

OSMIRA ſó.

Ue gelado terror no peito ſinto!
- Onde iráõ acabar myſterios tantos,
: ſem ceſſar no fundo da minha alma
em naſcer preſagios tão funeſtos! (1)
s! hum Altar de novo fabricado
:o dos Mauſoleos dos Reis do Egypto!
: mais deſcobre a viſta perturbada!
tado hum ferro ſobre o ſanto livro!
ſo ſobre mim eſtão pendentes
furores do Ceo, e as iras voſſas! (2)
, vós, Deos grande, e vós, ó Pai auguſto,
bos bem conheceeis meus feios crimes.
ıalde ſinto a voz da natureza
tro do coração eſtar clamando
igação, dever, honra, e virtude.
olhos d'Amurathes tudo eſqueço.
quem! de hum vil rebelde! de Amurathes!
nira tu deliras! que confeſſas!
urathes amar! eſſe Tyranno,
: conduzindo em borbotões de ſangue,
Fu-

(1) Olhando para o fundo do Theatro.
(2) Olhando para o Tumulo de Mahamet.

Os raios ; os trovões, o crime, e a morte
Furioso teu Pai desherda, e mata!
Hum Tyranno, que n'huma noite infausta
Encheo estes lugares espantosos
Dos horrores da guerra, e salpicando
De sangue o melhor Rei, que tinha a terra
Governa sem direitos, nem remorsos!
Não, meu Pai, hoje no Alcorão sagrado
Eu vou jurar ás vossas grandes cinzas,
Que Osmira cobra o seu valor primeiro. (1)
Eu juro aborrecer eternamente
O deshumano, o pérfido Amurathes.
Se assim não fôr, o grande Deos desate
No meu peito do inferno as furias todas.
Porém chega Amurathes! Ceos, que sinto
Nem sangue, nem razão, nem juramentos
Nos defendem de amor ás leis tyrannas!
Timida a natureza a voz esconde,
E o sangue meu correndo impetuoso
Dentro do peito vai buscar asylo!
A' sua vista só vacillo, e tremo!

SCENA III.

OSMIRA, AMURATHES.

AMUR.

O Primeiro mortal, o mais guerreiro;
Magnanimo, temido, e venturoso,

(1) Encaminha-se ao Altar, e põe a mão no Alcorão.

A quem inclina o Fado a frente altiva ;
E que a fortuna traz ao lado atada ,
Eu , Oſmira , que de huma ſó palavra
Vejo aos meus pés proſtrados milhões d'homens,
E q̃ fui, des' que empunho o Sceptro Egypcio ,
Nunca mandado , e ſempre obedecido ,
Intento agora , não o vir pedir-te ,
Mas dizer-te. . . .

O S M.

Dizer-me o que , infame ?
Que mais intentarás de mim , Tyranno ?
O grande Mahamet envolto em ſangue
A teus indignos pés cahio rendido ,
E fallas inda á ſua afflicta filha ?
A infeliz Celimene , que devia
Subir ao Throno paternal herdado ,
Fugio ſem culpa do uſurpado reino.
Só a acompanha em tanta deſventura
Hum nobre amante , e intrepido guerreiro ,
Selim , que tantas vezes valeroſo
Fez tremolar as Luas vencedoras
Nas fumantes campanhas da batalha.
Deſtes dous deſgraçados , que fugindo
Em debil lenho pelos altos mares ,
Valentes affrontando a dura morte ,
Té deſtes , fraco , e barbaro Amurathes ,
Intentas derramar o nobre ſangue ?
Tal he o teu valor , e a gloria tua ?

A M U R.

Treme , e vê dos meus olhos abrazados
Saltar o fogo prompto a conſumir-te .

Ou-

Ouve-me, e obedece cegamente;
Vendo hum altar, e hum Mausoleo aberto
Deves reconhecer minha vontade.
Escolhe pois; ou hymeneo ditoso
Vai sentir-te de teus avós no Throno;
Ou vai soffrer, que vil algoz lançando,
Terrivel máo ás tuas louras tranças,
Punhal agudo no teu peito crave.
Queres antes, banhada no teu sangue,
Ver sobre o teu culpado, e duro peito
Descarregar da morte o frio braço?
Deixares para sempre a luz do dia?
E quem te obriga a tanto, altiva Osmira?
Honra, e dever, dous nomes sem sentido
Duas vagas palavras inventadas
Para enganar os ignorantes povos?
O sangue, que nas tuas veias pulsa,
Da mesma sorte alenta o Rei, e o pobre.
Queres então, que hum frivolo fantasma
Faça esconder ao seu terrivel nome
O brilhante caminho das grandezas,
A que as almas heroicas só aspirão?
Eu adorei-te; e chego a confessa-lo!
Mas se tu sacrificas Amurathes
A' lembrança d'hum sangue, que detesto...
Ah! reconhece em mim hum furioso,
Hum Rei desesperado, sem brandura,
Sem dó, sem compaixão, nem piedade;
Que mais ligeiro, do que da alta nuvem,
Caminha o raio abrazador da terra,
Rasga as tuas entranhas palpitantes,
E n'hum tumulo esconde o teu orgulho.

N

Não vivirás, se para mim não vives.
Treme, Osmira, resolve, e depois falla.

OSM.

Nem a ti, nem a morte Osmira teme,
Que os monstros causão mais horror, que medo.
Só Deos, Mafoma, e as leis servir intento.
Tu conheces-me bem para saberes,
Que sou sobre a desgraça, e sobre a sorte:
D'huma alma grande os nobres sentimentos
Desprezão tudo, e só o crime temem.
Respondi já, a minha morte apressa.

AMUR.

Se a mesma Osmira de outrem descendesse...
Mas do sangue de seus avós o crime,
Junto a delictos taes, vingança pede.
D'hum soberbo capricho as leis veneras,
Venera, mas será, poucos instantes.

SCENA IV.

OSMIRA só

Justos Ceos, se os humanos fracos peitos
Do amor, e da virtude as leis oppostas
Ao mesmo tempo combinar não pódem,
Para que desse tão vulgar Tyranno
Inflexivel fizeste a setta aguda?
Inspirai-me, e dizei-me o quanto posso,
Que o que devo fazer já me não basta.
E tu, objecto amavel dos tumultos,

Quo

Que a minha alma combatem furiosos,
Tu, amado Amurathes, mal conheces
Da triste Osmira a desgraçada sorte.
Já aos Ceos prometti aborrecer-te:
Mas não posso já mais deixar de amar te.
Antes que cerre os meus cançados olhos,
Ao menos quero declarar-te a causa
Dos profundos abysmos, que me cercão,
E do terror, que sem cessar me assalta;
Então verás no meu afflicto peito,
Como o amor, co' o odio mais intenso
Se combina em medonho ajuntamento.
Sim, Amurathes, a encontrar-te parto.
Vós, grande Deos, guiai-me os pés trement
Porém té onde, Osmira desgraçada,
Levar intentas os errantes passos?
Que fazes! Na presença de hum ama
Pertendes hir firmar a ordem funesta
De o deixar, de o perder eternament

SCENA V.

OSMIRA, AGAR.

AGAR.

O Mafoma! ó vingança, o De
Que barbara ordem de escutar ac

OSM.

Falla, Agar, que razão a voz t

AGAR.

Triste, e infeliz executor eu

huma sentença, que esta mão sem culpa,
o sendo contra vós, cumprir devia.
la agora á lembrança do decreto,
alma se espanta, o coração me treme,
o vacillante pé mal se sustenta.

OSM.

os, que sentença, acaba....

AGAR.

Que eu acabe!
ıe quereis vós ouvir de mim, senhora?

OSM.

epois de ter passado tantas penas,
ıe mais restar-me poderá?

AGAR.

Senhora,
io sabeis, que a virtude não escapa
vre da inveja aos golpes venenosos?
ɔs deveis...

OSM.

Que!... morrer?

AGAR.

Justos juizos
o do potente Deos; manda Amurathes.
as não temais, que a minha mão cometta,
ım tão infame crime; illeso o peito,
eso o coração por vós conservo;
imeiro afrontarei da crua morte
horridas tormentas; vereis antes

Com impavido pé, sereno rosto
Sub r Agar ao cadafalso indigno;
Fallai; vereis o meu cançado braço
Prompto para perder os frios restos
De hum sangue, que defende a innocen(
Em quanto defender Olmira intenta.

OSM.

Agar sem piedade rasga hum peito,
Que o Ceo creára para a desventura:
Eu devo a quem me deo o sangue, e a vi
A meu Pai, offertar a vida, e o sang

AGAR.

Deixai por ora táo mortaes ideas.
Que causa vos obriga a tal offerta,
Se sem susto podemos evita-la?
Pensaes ser heroina em ceder frouxa,
Aos crimes de hum traidor, que vos ultr
Vossa irmá, de Selim acompanhada,
Do Tyranno fugio a fronte iniqua;
Vós, que os Numes ornáráo de virtudes
Táo raras, e táo nobres, dexarieis
Decepar huma táo amavel vida?
Ah! Senhora, primeiro de feridas
Atravessado, exsangue, e moribundo
Vossos olhos veráó meu mortal corpo.
Debalde o santo nome de innocente?..

OSM.

Innocente náo sou; eu sou culpada.

AGAR.

Culpada vós, senhora!...

OSM.

Sim culpada.
E tu Miniſtro menos compaſſivo
Cumpre fiel as ordens de Amurathes;
Da ſuprema vontade dos Monarcas
Os arcanos ſondar já mais intentes.

AGAR.

Então.....

OSM.

Que! morro: quero morrer antes,
Se he vontade de Deos, ſe o Rei o manda.

AGAR.

Hum Rei Tyranno?

OSM.

Pois os Reis: tu julgas?

AGAR.

Não; mas o teu perigo a voz me anima.
Se ficas, vê primeiro, que crueldades...

OSM.

Tem por Oſmira menos piedade.
O que ſe deſcubriſſe mais terrivel
Seria para mim neſte momento
O mais doce á minha alma perturbada.
Pódes ferir, depreſſa crava o ferro.
Só te peço, que digas a Amurathes,
Que eu ſube ama-lo mais, que a mim meſma,
E que neſte momento tão medonho
Só Amurathes he o triſte objecto
Das ideas crueis, que me devorão.
Que a alta lembrança de meu Pai illuſtre,

A gloria da Nação, honra de Osmira,
E a desgraça da amavel Celimene,
Que tão grande impressão em mim fazião,
Gastados quasi vi, e sepultadas
Em negro esquecimento.

AGAR.

Então dizer-lhe....

OSM.

Onde vás? Nada, em quanto vivo, saibão,
Os que a minha fraqueza mal conhecem.
Estanque a fria morte os meus delictos,
Depois embora os reconheça o mundo.
Fallar não devo, e implorar não quero;
Nem temo a morte, que o fatal destino
Já mais voltar-me fez a frente altiva.
A ti, Agar, sómente pediria,
Que tivesses de mim menos piedade;
E aos Ceos, que sem crime conservassem,
Hum soberbo Tyranno, que eu adoro,
Inda, que elle sómente a causa seja,
De que os meus olhos cubra a noute eterna.

SCENA VI.

AMURATHES, OSMIRA.

AMUR.

Inda, Osmira, outra vez fallar-te que.

AGAR.

(1) Senhor, se os seus amantes sentimentos

OS

(1) Agar falla assim unicamente por sal
e não porque este seja o seu car

OSM. (1)

Cruel, quem contra mim te anima tanto.

AGAR.

Pois deverá ficar desconhecida
Té mesmo supportar em paz a morte,
Huma paixão, que a ambos faz ditosos?

AMUR.

Em fim he certo!... vão, deixem-me todos;
Osmira só conheça o meu estado. (2)
Muito cruel, Osmira tu podeste
Sem susto ver luzir o ferro agudo,
E o teu peito offrecer á dura morte?
Filha altiva do Rei o mais altivo
Que furor da razão te priva o uso?
Teu igual não me julgas por ventura,
Eu, que depois de expedições famosas
Pela mão da victoria conduzido
Gozo o Throno, que meus avós tiverão?
Se me estimas Osmira, que te assusta,
Porque razão vacillas em dize-lo?
A minha alma tão fera, e tão altiva
Hoje depende pela vez primeira.
Huma paixão funesta se apodera,
(E pôde huma paixão vencer me tanto)
Do meu furor, do meu antigo orgulho.
E então Osmira quem calar te obriga?

OSM.

A sacrilega morte de hum Monarca,

E

(1) *Baixo.* (2) Sahem.

E o sangue de que está fumando à ten
Náo te dizem bastante claramente
A razáo porque devo aborrecer-te ?

AMUR.

Eu tudo quanto fiz, fazer devia.
Mas tu mulher soberba á minha vista
Ousas-me confessar o teu desprezo,
Tu de quem só depende o meu destin
Tu que eu amei... e que eu amo inda ta

OSM. (1)

Ceos valei-me!
Senhor deixai, que eu pa
Para viver da Patria desterrada.
Se tambem conheceis o meu estado,
Se sabeis bem o meu dever funesto,
Porque quereis que eu falle ?

AMUR.

Que pertende
Ir viver em escuro esquecimento ?
Náo sabes, que de Osmira a companh
Mais grata me seria, que dos Thronos
Mais brilhantes da terra a posse inteira

OSM.

Barbaro amante, deixa, ou despedaça
Os restos de huma caza deploravel,
Que a tua máo tornou em frias cinzas
Jurei aos justos Ceos o aborrecer-te,
E ainda que o mesmo sangue nos alen
Huma aversáo eterna nos separa.
Deixa-me pois daqui viver distante.

A

(1) *Baixo.*

AMUR.

Ingrata, parte, vai, mas para longe:
Mais te não vejão meus raivosos olhos;
Talvez custe á minha alma perturbada
Este horrivel momento a mesma vida;
Mas depois de hum repudio tão patente,
Que mais deve esperar meu triste peito.
Nem te assustes, que para perdoar-te,
Amei-te, e sou bastante generoso.
Mais venturosa vai tornar a sorte
De algum outro mortal, que te mereça;
Que tu choras! quanto és cruel Osmira!
Inda tens na minha alma tanta posse!
Inda ingrata......

OSM.

Hum nome tão injusto
Não merece o meu peito desgraçado.
Senhor, sou infeliz, mas não ingrata;
Eu parto porque os Ceos assim mandárão;
Dos mesmos ao cuidado Osmira deixa
Na sua dôr vivendo solitaria.
Mas não penses, q̃ algum outro homem deve..
Ah! se da minha mão dispôr podesse!
O horror, e a confusão a voz me prendem,
Nem eu mesma conheço o meu estado.

SCENA VII.

AMURATHES só.

OSmira parte, parte a bella Osmira!
O' fatal noite das desgraças minhas!
Empunhei furioso o ferro agudo,
A' minha voz terrivel succedêrão
De rôxo sangue rapidas correntes,
Nos quaes lancei despedaçados corpos
De tantos defensores da virtude.
Mas disto, que tirei, perder Osmira!
Eu fui o mesmo, que formei o plano;
Portas, guardas, Serralho, rendi tudo.
Fui o primeiro, que com pé sacrilego
Do Grão-Sultão entrei a regia Camera,
Arrastado por esta mão iniqua
No peito lhe enterrei o curvo alfange.
Traspassado de golpes, e feridas
Rolou ensanguentado sobre o leito,
E aos meus traidores pés cahiu tremente:
Porém que me restou de tantas culpas,
Para que commetti delictos tantos!
Remorsos, confusão, arrependimento
Vierão inundar meu peito afflicto.
O horror, e a desventura vão tecendo
Desde esse dia, meus medonhos dias.
Osmira só formava a minha esp'rança.
Osmira foge, então que mais me resta!
Furioso pelos crimes commettidos,
Com remorsos crueis desesperado,

Sem virtudes a novos crimes prompto
Vou esconder na negra sepultura
A funesta união de horror tamanho.
Aborrecendo a luz, a noute, e o dia,
Parto a buscar a morte nas fronteiras,
E mesmo blasfemar de hum Deos tyranno;
Se retardar o meu castigo justo.
Parto a morrer ou soffocar de todo
O turbilhão horrendo de tormentos,
E de gritos crueis da natureza,
Que sem cessar me fere, e despedaça.
Até que veja fuzilar das nuvens
O raio, que me esmague, e que me opprima.

ACTO II.

O Theatro representa huma Salla.

SCENA I.

AMURATHES aos Guardas.

Ide impedir, que Osmira não se ausente.
Inda outra vez á minha vista torne.

Hum dos Guardas.

Apressados cumprimos vossas ordens.

AMURATHES só.

Que diráõ se se sabe, que Amurathes
He a fraquezas taes tambem sujeito!
Huma mulher mandar ao Sultão mesmo!
Embora mande lá nos frios climas,
Que Europa chamão, esse fragil sexo;
Entre nós, vís escravas, nossas ordens
Sem liberdade, e sem escolha sigão.
Porém quanto ditoso eu não seria,
Se a bella Osmira a escolher viesse
De todos os mortaes a mim sómente!

SCENA II.

AMURATHES, AGNOR.

AGN.

FAvoraveis os Numes, venturosos,
O' Principe, fazer teus dias querem.

AMUR.

Em que?

AGN.

Chegou ao Cayro Celimene.
Cuberta de bandeiras toda a armadá,
Que vós, senhor, mandaste em seu alcanc
Lá no rio lançou pezada amarra.
Selim porém escapa alguns momentos
Ao furor do castigo merecido,
Pois a não em que vinha transportado
Levada d' huma horrivel tempestade
Se separou: mas já tardar não póde.

AMU

AMUR.

Celimene entre, mas Selim chegando
Em ásperas prizões retido seja.

Sabe AGNOR.

Quantas vezes melhor, que a providencia,
Formar combinações pode o accazo.
Vem Celimene n'hum fatal momento
Pois, ou morre, ou Osmira mesma leva
Pela mão aos Altares fumegantes.

SCENA III.

AMURATHES CELIMENE.

CELIM.

SEmpre mais vivamente represento
Os horrores daquella noite infausta,
Em que esta Capital cheia de sangue
Provara nunca vistos attentados.
Daqui mesma crivada de feridas
Desceste ó sombra cara á gente morta;
E deste então me cobre hum luto eterno.
Té li contava só serenos dias;
Mas em fim acabárão bens tamanhos,
E só me restão lagrimas, e pena. (1)
Mas soffrereis ó manes vingativos,
Que hum Tyranno cruel tranquillo passe
A molle vida no ultrajado Throno!

AMUR.

(1) Baixo.

AMUR.

Suffocai para ſempre inuteis queixas.
Voſſo Pai mais viver hum ſó momento
Não podia; no livro dos Deſtinos
Se encontra (1) dos mortaes contada a vida.
Ouve-me, e ſabe, qual dos teus furores,
He o brando caſtigo, que te imponho.
Vive feliz c'o teu Selim amado,
Os vaſtos campos da Judea, e Syria
Contentes governai: reſte-me o Egypto.
Mas dize, quem abrio por entre guardas
Aos teus tremulos pés caminho livre?

CELIM.

Sem temor narrarei paſſadas magoas.
As tuas meſmas ordens cumprir quero,
Que a tanto chega a minha deſventura.
No tempo, em que eſſe valeroſo Hamede
Eſtrangeiro funeſto á Chriſtáa gente,
Valente commandava as noſſas armas;
Selim ſeu digno filho hia alcançando
Tanta reputação na Paleſtina,

Que

(1) Tal he a idea, que os Muſulmanos fazem da predeſtinação; Hiſt. da Vid. de Mafom. p. 134. elles eſtão perſuadidos, que „ o deſtino de „ cada hum eſtá eſcrito no Ceo, e que nin„ guem póde evitar a ſua boa, ou má fortu„ na . . . eſta opinião naſce do que Mafoma con„ tou, que vira no 3. Ceo . . . Narſipo, ou Tra„ ctiro he o nome que dão a eſte deſtino. „

Que a todo o custo pertendia vê-lo.
Vi, fallei-lhe; mas desde esse momento,
Momento para sempre memoravel,
Este joven gentil, e generoso
Da minha alma tomou inteira posse.
Mas tal ventura pouco tempo dura.
Exercitos Francezes devastavão
Barbaros as Cidades innocentes;
Da guerreira trombeta o som terrivel
Selim chama ás fronteiras dessoladas
Pela torrente de esquadrões armados.
E eu para mitigar de tal ausencia
A penetrante dôr, que me occupava,
Quiz viver, toda entregue á saudade,
Junto ás margens do Nilo caudeloso.
Alli vertendo lagrimas sentidas
Alivio procurava aos meus tormentos.
Poucos tempos passados inda tinha,
Quando... ó noite terrivel, e medonha!
Os olhos meus espavoridos virão,
Por entre a vaga luz, que fuzilava
De espaço a espaço por clarões medonhos,
A mim chegar-se de repente hum vulto:
Gelada a lingoa, hirtos os cabellos,
Immoto o pé, não sei porque, sentia.
Era Selim cheio de pó, e sangue;
Apenas me descobre, Celimene,
Diz elle, descontente, e perturbado,
De Amurathes ás mãos... Mahomet morre.

AMUR.

Do sangue derramado não intento

Des-

Desculpas dár ao inconstante povo:
Não julgues, Celimene, e continúa.

CELIM.

Assim dizendo, pára de repente,
E tempos antes, que a fallar voltasse,
Tristes, truncados ais só repetia.
Foge me diz depois, foge comigo;
De alguns fieis Vassallos precedida
Embarcar vamos, antes que Amurathes,
Activo, e vigilante nos encontre.
Eu quasi desmaiada estas palavras,
Entre tristes suspiros, mal ouvia.
N' hum desmanchado lenho á vella demos.
Antes, que o pezo da fugida gente,
Nos soçobrasse; sem arte, sem rumo
Sulcamos longos tempos vastos mares;
E quando já o fado da remota
Fortuna nos mostrava doces sombras,
Por entre as vagas ondas surgir vimos,
Os altos mastareos de mil Navios.
Logo pensámos, que erão Musulmanos,
Antes que sobre nós o arpéo lançassem:
Em dous diversos vasos conduzirão
Celimene, e Selim asperamente.
Quaes as lagrimas fossem, qual o pranto
No da separação instante horrivel,
Basta, que o saiba o Ceo, que a alma o sinta.
Nem exprimi-lo póde a voz humana.
Qualquer de nós temia ser mandado
Ao Reino triste onde não entra o dia.
Por huma tempestade separados,

Solitarios vagamos muitos dias.
Só ao entrar no Nillo descobrimos
Humas Náos, entre as quaes Selim não veio.
Saber d'Osmira desejava agora...

AMUR.

He Osmira de tantos dons a causa.

CELIM.

Ceos! logo hum himineo fatal cumprido...

AMUR.

Inda não he; mas selo-ha bem cedo.
Osmira chega; pede-lho, e manda-lho
Como premio das dadivas, que offreço.

CELIM.

Que dadivas são essas, que me offreces?
Subires do vil pó, em que nasceste
Para unir-te de Osmira ao regio sangue?
Cingir dec'rosamente hum Diadema,
Infame herança de traições funestas?

AMUR.

Antes dos Reis os homens existírão;
A fortuna, e o valor formou os Sceptros.

CELIM.

Porém só os conserva a sãa virtude.
E depois constranger a tal Princeza?...
E por quem...

AMUR.

Quanto te enganou Osmira!
Em me ouvindo fallar sente no peito
Táo viva agitação, que de repente
Esquecendo as ideias de vingança,
E pondo em mim os olhos temerosos,
Diz-me no rosto, o que me nega a bocc
Se viras, que suspiros, que tristezas...
E não serão de amor provas bastantes?

CELIM.

Basta Amurathes; hum momento deixa
Os horrores gozar do meu estado.

AMUR.

Osmira vejo já; escolher pódes,
Ou Throno, ou a prizão, e a sepultura.

SCENA IV.

CELIMENE, OSMIRA.

OSM.

Os meus olhos... ó Ceos! será possive
Princeza illustre, amada Celimene,
Que eu beije a tua regia mão permitte.
Mas donde vem, que vós estais calada!
Commetti por ventura algum delicto!
Eu! que banhada sempre em triste prantc
E opprimida c'o pezo da desgraça,

'eos, aos juſtos Ceos em vão levanto,
olhos o ſemblante, e as mãos piedoſas!

CELIM.

›ras: eu o ſei; mas tambem ſoube,
ſſas lagrimas são aſſás culpadas.

OSM.

nto, que vertendo eſtou, he pranto,
' hum puro prazer origem teve.
: culpada! meſmo eſtas paredes
ſervir de vivos teſtemunhos
o meu triſte, e miſerando eſtado;
daquella infauſta, e negra noite,
n pudera riſcala de lembrança)
nhas mágoas inda mais creſcêrão.
direis, ó tumulos illuſtres,
que de tantos Reis as claras cinzas
ıpos encerrais; vós que me viſtes
o brando peito ao duro alfange,
to a cortar os meus acerbos dias.
le deſventura em deſventura
: a vida hum pezo inſopportavel.
ındo ſó reſtava Celimene,
irmá, por quem tanto ſuſpirava!
ı em fim; (mas huma deſgraçada
› deve ter aberto o peito)
ır ella fui deſconhecida.
ıuſa a minha debil eſperança
lo diſſipou: que mais me reſta?
ıe juſtos Ceos a luz do dia,
de todos ſou abandonada.

CELIM.

O cruel Amurathes não te adora,
E esse mesmo Tyranno não estimas?

OSM.

Estimo sim? então, culpa não tenho:
Hum crime involuntario não he crime;
De tal amor, em vão fugir intento;
Estando só no fundo dos retiros,
Ou dentro do tumulto da Cidade,
Cada vez na minha alma transportada
Apparece mais nobre, e mais amavel.
Esse Amurathes, que esquecer não posso.
Porém isso o meu peito não abala,
Em quanto me alentar o regio sangue.
E se inda assim, cruel, me não desculpas,
Em duas rasga a desgraçada Osmira,
Castiga so a que Amurathes ama,
Mas não aquella aonde se conserva
A lembrança do nosso Pai augusto.

CELIM.

Agora sim, que já em ti descubro
Os reaes sentimentos, que me animão. (1)
Nobre filha do grande Mahamede,
A irmã me tornas, que perdido tinha;
E já sem pejo ao peito unir-te posso.

OSM.

O' Piedoso Deos, quanto sois justo

(1) *Abração se.*

Da minha vida no mais trifte inftante,
Celimene me dais, efta Princeza,
Com quem confultar fó poderia
Do meu peito os fegredos efcondidos.

CELIM.

Pouca confolação comigo trago;
Como tu, defgraçada tenho fido,
Mil tormentos crueis tenho paffado.
Efte mefmo Palacio, que já fora,
Da sá virtude habitação ditofa,
Agora me enche fó de horror, e pejo.
Qualquer deftas columnas reprefenta
Mil lembranças do noffo bello tempo,
Que tudo tranftornou a mão do crime.
Que faudades minha alma não combatem!
As lagrimas conter em vão pertendo:
Quando, Ofmira, de véras confidero,
Que fou efcrava aonde fui Princeza.
Quando . . . porém calar ferá precifo,
Affligir temo o teu fenfivel peito.

OSM.

De que te affuftas? Falla, que as defgraças
Divididas menor effeito causão.

CELIM.

Se for teu coração conftante, e firme,
Contente bufcarei eu mefma a morte,
Com que hoje o Tyranno me ameaça,
Se a mão d'Efpofa dar-lhe não quizeres.

OSM.

Que fatal collisão no peito sinto!
Ah! Celimene quantas desventuras,
O meu presago peito vaticina!

SCENA V.

OSMIRA, CELIMENE, AGAR.

AGAR.

A Vós mesmas, Princezas, eu procuro;
Vamos mudar a face deste Imperio;
Porém deveis guardar segredo eterno.
Pela porta, que a Ali em guarda coube
Selim no Cayro entrou sem ser sentido.
De Catholicos fortes Cavalleiros
Esquadra numerosa o acompanha,
Neste mesmo Serralho está occulto.
A mão mettamos té ó cotovelo
No criminoso sangue do Tyranno:
Ardão suas entranhas revoltosas:
Fumem as praças, fumem as campanhas,
E os seus membros por misero ludibrio
Rasgados jazão pelos vagos campos.
Governe a nossa herdeira, Celimene.
Recobremos a augusta liberdade,
Esse divino dom, que os Ceos nos derão,
Que as Republicas sempre perturbarão,
Que os Reis justos sómente soffrer pódem,
E que os Despotas nunca conhecêrão.

Quan-

Quando dos nossos Reis inda ha vergonteas
O Throno occuparáõ usurpadores?
Selim terminará tanta desgraça.

CELIM.

Porém primeiro poderei fallar-lhe?

AGAR.

Elle o mesmo desejo manifesta;
Mas teme o declarar-se, e não intenta,
Sem morrer Amurathes, descubrir-se.

OSM.

Mas primeiro rasgai meu triste peito.
Que eu fria veja a morte de Amurathes!
He para mim difficil tal empenho.

CELIM.

Sim parte, vai, depressa descobrir-nos.
Irmã ingrata, filha fementida,
Contra mim só as tuas iras volta.
Porém a vida d' hum consorte caro....

OSM.

Celimene respeita o triste estado,
Em que vés os meus dias mergulhados.
Tem piedade da minha dôr immensa.
E tu, barbaro Agar, não poderias
Vir dar noticias taes de mim distante?
De Celimene a vida expôr não devo.
Mas poderei?.. ó Deos, que me conheces!..

AGAR.

AGAR.

Filha de Mahamede, assim nos fallas?
Não escutas teu Pai envolto em sangue
Clamar da sepultura alta vingança?
Compete a Celimene o Throno herdado:
Então queres roubar-lhe os seus direitos
Priva-la de hum Imperio, e de hum Consorte
Será este o caminho da virtude?

OSM.

A' virtude o amor embora ceda.
Porém primeiro morra a triste Osmira.
Aborreço huma vida tão funesta.
A morte doce fim dos desgraçados
Terminar venha as minhas desventuras.

SCENA VI.

AMURATHES, CELIMENE, OSMIRA

AMUR.

O'Lá, guardas, levai prezo o rebelde;
Já se sabe, que estranha gente entrára,
Por que parte não sei, nesta Cidade.
Com Agar conversárão: no Serralho,
Mesmo, ainda talvez algum se occulte.
Mas Osmira confusa! Celimene,
Pallida, e perturbada os olhos baixa! (1)
Que

(1) Para Osmira.

Que pertendia Agar, de que fallava,
Esse olhar taciturno que denota?

O S M.

Senhor, deixai-me em táo funesto instante.
Cuidai, que a tempestade está pendente.

CELIM.

Ah! Osmira!

A M U R.

Que escuto!

O S M.

Eu que disse!
Que turbação tomou os meus sentidos!
Dividida entre amor, e a natureza,
Conservo apenas da palavra o uso.

A M U R.

De quem devo temer, Osmira falla?

O S M.

Eu temo por entrar estranha gente.
Se o desgraçado Agar aqui achaste,
Admirar-te não deves: eu sabendo,
Que forão conduzidas cem Donzellas,
Das miseras prizões, em que jazião,
Trata-las, conversa-las pertendia;
Por isso consultei Agar primeiro,
Pois ignorava, se era contra os usos,
Que devem no Serralho ser sagrados.
Huma ternura, que explicar náo posso,
Pela gente Christá meu peito sente.

AMUR.

AMUR.

E donde herdaste tu essa ternura ;
Que os ascendentes teus nunca tiverão ?
Princezas taes não mentem , nem aprendem
As almas grandes a encobrir cabalas.
Escravos vís , a quem a morte espera ! ....
Não , Osmira , declara-te , e não temas.

OSM.

Morte ! e para desgraça tal vierão !
Christãos insPlices . geração mesquinha ,
Para quem neste Reino detestavel
Acabárão as leis da humanidade.

AMUR.

Deixemo-nos em fim de vãos discursos.
Celimene obtiveste o que eu mandára ?

CELIM.

Osmira o sabe.

OSM.

Já , cruel , entendo.
Queres de mim hum hymeneo injusto ,
Que teria por base a violenta
Morte de hum Pai , que contra mim clamando ;
Lá da profundidade tenebrosa
Do abysmo infernal vingança pede.
Este cruel alfange , que tem sido
Instrumento fatal de tantas mortes ,
Da triste Osnira rasgue o debil peito.
Porém *não* tardes , rasga em quanto he tempo :

Que

Que o mesmo chão, que pizas, as paredes,
A leve viração do brando vento,
Os amigos, os crimes commettidos,
Tudo exige de ti cruel vingança.
Tudo em fim deve de terror gelar-te:
De tudo treme, treme de ti mesmo.

AMUR.

E tu, Osmira, treme de perder-te;
Que o mesmo amor em furias se transforma;
Basta, tenho entendido, Celimene. (1)

CELIM.

Eu temo, Osmira, a morte do Consorte.
Que faremos, sendo elle descuberto!
A vingança, e o valor nos acompanhe,
Morramos, ou vivamos Heroinas.

ACTO.

(1) Parte.

AMUR.

E donde herdaſte tu eſſa ternura,
Que os aſcendentes teus nunca tiverão?
Princezas taes não mentem, nem aprendem
As almas grandes a encobrir cabalas.
Eſcravos vís, a quem a morte eſpera!..
Não, Oſmira, declara-te, e não temas.

OSM.

Morte! e para deſgraça tal vierão!
Chriſtãos infelices, geração meſquinha,
Para quem neſte Reino deteſtavel
Acabárão as leis da humanidade.

AMUR.

Deixemo-nos em fim de vãos diſcurſos.
Celimene obtiveſte o que eu mandára?

CELIM.

Oſmira o ſabe.

OSM.

Já, cruel, entendo.
Queres de mim hum hymeneo injuſto,
Que teria por baſe a violenta
Morte de hum Pai, que contra mim clama
Lá da profundidade tenebroſa
Do abyſmo infernal vingança pede.
Eſte cruel alfange, que tem ſido
Inſtrumento fatal de tantas mortes,
Da triſte Oſmira raſgue o debil peito.
Porém não tardes, raſga em quanto he ter

Que o mesmo chão, que pizas, as paredes,
A leve viração do brando vento,
Os amigos, os crimes commettidos,
Tudo exige de ti cruel vingança.
Tudo em fim deve de terror gelar-te:
De tudo treme, treme de ti mesmo.

AMUR.

E tu, Osmira, treme de perder-te;
Que o mesmo amor em furias se transforma.
Basta, tenho entendido, Celimene. (1)

CELIM.

Eu temo, Osmira, a morte do Consorte.
Que faremos, sendo elle descuberto!
A vingança, e o valor nos acompanhe,
Morramos, ou vivamos Heroinas.

ACTO

(1) *Parte.*

Ser senhor do usurpado Diadema!
Fechem-se as portas, tudo se examine,
Nem a hum só suspeito a vida fique.

SCENA III.

HERMINIA, CELIMENE, HAMET.

HERM.

ENtão posso passar alegremente
Com Amurathes socegada vida;
Aos olhos meus deixou de ser culpado,
He antes hum amante enternecido.
Pelos Manes jurei d'hum Pai supposto;
Já não sou obrigada Celimene
A guardar a palavra, e o juramento.

CELIM.

E Amurathes deixou de ser Tyranno?
Depois hum nobre Heroe, que affronta a morte
Por livrar hum povo miserando,
E que nas tuas mãos depositára
Os segredos do mais sublime preço
Deve por ti ficar abandonado?

HERM.

Selim ha de viver; se elle morresse,
Crê-me, tambem Herminia não vivia.
Vou unir meu destino ao de Amurathes...

HAMET.

Que pertendeis? Viver com Amurathes?

Apar-

Apartai-vos, senhora, desta terra
Habitação do crime, e da desgraça.
Santa Religião fugir vos manda.

HERM.

Huma Religião, que não conheço,
Fugir me manda do que mais estimo?
Só a Fé dos Christãos será perfeita?
Por nossos Pais he ella em nós impressa
Do Turco o filho quasi (1) sempre he Tu
O que entre Christãos nasce, Christão
Eu respeito, e venero a lei sublime,
Que d'entre tantos povos tão diversos
Forma huma só Nação de irmãos perfei
Mas se eu viver honesta, e santamente
Na Musulmana lei, que ora professo
Com que justiça devo ser punida?
Por ventura commetto algum delicto,
Se Deos me fez nascer em Turcas terra
Devo acaso soffrer terriveis penas
Sem me reconhecer já mais culpada?
Não, Amurathes esquecer não posso.

HAMET.

Tão tristes pertendeis tornar, senhora,

I

(1) O quasi he absolutamente necessario, elle exclue todo, e qualquer homem em to Religião, que tiver verdadeiro ardor de am Deos. O Ente dos Entes não falta com os *auxilios*, e basta o baptismo do desejo. Este *fissima* he muito antigo, e já foi posto ao *tola do Oriente*, que deo a dita resposta.

Da minha vida os ultimos alentos?
Ha huma só Religião, que seja
Exacta, verdadeira, e sacrosanta;
Preparai vos primeiro nos preceitos,
Que ensina a santa lei, sereis ditosa.
A vosso augusto irmão por fim dizei lhe,
Que Christão morre o Duque dos Normandos.
Esta noticia só mais estimados
Tornará seus triunfos venturosos. (1)
A vós, Princeza illustre, digna filha
Do grande Mahamet sómente peço,
Que digais a Selim Principe infausto,
Que estas ultimas lagrimas, que verto,
Verto-as sómente por lembrança sua.
Que eu o homem mais malvado do Universo
Na campanha o-criei para o Reinado,
Que para isso arriscára a propria vida,
Veria o sangue meu saltar das veias,
Mas o tempo faltou a empreza tanta.

SCENA IV.

HERMINIA, CELIMENE, SELIM, HAMET.

SELIM.

OS vacillantes pés onde encaminho!
Debaixo desta magestosa abobeda
O coração me bate mais ligeiro.
Ceos!

(1) *Para Celimene.*

Ceos! que horror vem prender os meus ſentidos!
Onde me trouxe o meu fatal deſtino!
Expirando meu Pai! meu Pai ao menos
Ao voſſo peito uni o triſte filho,
Que os olhos vem cerrar d' hum Pai tão caro.

HAMET.

Ah! meu Selim! perdôa tantos crimes,
A lembrança ſepulta de hum Tyranno,
Que perturbou os teus mais bellos dias.

SELIM.

Conhecei-me, ſenhor, ſou inda o meſmo;
Por vós antigamente tão amado,
Inf'liz, que vim fechar os voſſos olhos,
Eſcutar voſſos ultimos gemidos.

HERM.

Hamet teu Pai não era: Celimene,
Te dirá, o que ha pouco tempo ouvimos.
Quero porém ouvir a lei Catholica,
Para ſaber ſe o amor, e ſe a virtude
Ao meſmo tempo combinar-ſe pódem.

SCENA V.

SELIM, CELIMENE.

SELIM.

EM quantas confusões eſtou e
Amada Celimene, póe tu termo.
Mas tambem tu confuſa, e pe

CELIM.

Desgraçado Selim, melhor nos fora,
Acabar entre tantas desventuras:
Os grandes crimes tem castigos grandes.

SELIM.

Nós commettermos crimes! nós, senhora!
Se já por tantas vezes mil perigos
Sem susto, nem terror tenho affrontado,
O meu dever formava só meus votos:
Celimene, nós somos innocentes.
Se eu o não fora... crê que enterraria
Primeiro no meu peito agudo ferro,
Que divisar no teu gésto sobrano
Leves sombras de irados pensamentos.

CELIM.

O vosso braço, e o vosso heroico peito
Vos tem já claramente annunciado
Ser da mais nobre, e mais sublime origem.
Sangue illustre do grande Mahamede,
Quem poderá deixar de conhecer-vos!

SELIM.

Hamet meu pai não era! e Mahamede...

CELIM.

Assassinado declarar não pôde,
O que Hamet expirando descobrira

SELIM.

He verdade!...

CELIM.

Mais dúvidas não restão;
Em tenra idade do Serralho foste...

SELIM.

Logo...

CELIM.

Logo; do mesmo pai nascemos.
E inda consente o Ceo que respiremos

SELIM.

E estamos eternamente separados!

CELIM. (1)

Caro Selim, he esta a vez extrema,
Que impuro amor os nossos peitos une
Sim: separados para sempre estamos,
Té que o Deos vingador envie o raio,
Que das nuvens ardentes fuzilando
Puna em nós tantos, e tão torpes cri

SELIM.

Que terriveis lembranças, que successos
Distante de mim mesmo me arrebatão!
Mas não, se nós, senhora, o não soubem
Se a natureza pura, e sempre a mesm
Nos escondeo o nosso triste estado
Para com Deos seremos innocentes.

CELIM.

Inda mais restão outras grandes cousas:

(1) Abraçando-o.

Eſte dia parece foi marcado
Para conter revoluções eſtranhas.
De Mahomet Oſmira não he filha;
Entre gente Chriſtã origem teve,
E a Amurathes ama ternamente.
Sabe de tua vinda, e teus projectos,
Sabe tambem, que eſquadrões armados
Entrárão....

SELIM.

Quem lhe diſſe taes ſegredos?

CELIM.

O triſte Agar fallando ſem ſuſpeita.
Fujamos pois, ſenhor; por toda a parte
Se examino o Serralho com cuidado.
Que eſperamos, ſe agora não fugimos,
Quem poderá livrar-nos?

SELIM.

Eu; e ainda
Meſmo morrendo alguem nos vingaria.
Godofredo guerreiro formidavel
Em pouco tempo chegará ao Cayro.

CELIM.

Que! tambem eſſe barbaro Tyranno
Quer dominar o deſgraçado Egypto?
Mas onde te fez elle tal promeſſa?

SELIM.

Depois daquella grande tempeſtade

Da viſta nos fugio a armada inteira.
O terror, que primeiro os impedira
A lançar-me nas mãos grilhões pezados
Da ſua ruina foi a triſte origem.
Lancei rapidamente mão das armas
Em hum momento quaſi ſem combate
Os Sectarios do crime o mar provarão.
Foi a Jeruſalem a Não levada.
Que ditoſa união alli reinava!
Os grandes lá as diſtinções ſó querem
Que nos nobres inſpira a ardua virtude.
Humanos ſempre, nunca vingativos
Ouvem doceis no Templo a Lei ſagra
A Deoſa da verdade ſó domina
Na boca do Rei ſabio, e valeroſo,
Rei, que he de todos Pai, irmão de
Em fim para que mais dizer-te agora
Achei taes os Chriſtãos, que, ſe os tr
Preza como eu fiquei, tambem ficára
De lá tropa de fortes cavalleiros
Me acompanhou: fingidos Muſulman
Deſconhecidos vagão na Cidade.

SCENA VI.

HERM. SELIM. CELI

HERM. para SELIM.

Porque vos demorais? Fugi cor
Apreſſemos em quanto he tempo
Por huma eſtreita porta vos con

Da qual ſahir podeis ſem ſer ſentido.
Depreſſa que Amurathes cauteloſo
Eſte Serralho com cuidado indaga:
Porém não fomenteis traições infames.
Longe de peitos nobres tal vileza.
Fique a Deos o poder mudar os Sceptros.

SELIM.

Celimene deixar, e para ſempre...

HERM.

Queres antes morrer publicamente
Expoſto aos gritos de hum ſigeiro povo?

SELIM.

Sim morrerei, pois antes morrer quero
Junto de Celimene, ſatisfeito...

CELIM.

Selim conheço em ti huma alma nobre.
Ser-me-hião gratas as ternuras tuas,
Se em outro tempo foſſem; mas agora
Fazem contrario effeito; ide, deixai-me.

SELIM.

Sem ti, ſenhora, tudo me aborrece,
Só tu me és grata, nada mais eſtimo.

HERM.

Parece-me que eſcuto os inſtrumentos
Da vinda do Sultão annunciadores:
Não foi engano; mas tardar não póde.

SE-

SELIM.

Partirei; mas expoſta Celimene...

CELIM.

Porque me atraveſſais o triſte peito?
Queres perder-nos ambos, quando póde
Ambos ſalvar-nos? Queres imprudente
Perder hum Throno, quando nada arriſ
Queres em fim cruel, ſem piedade,
Cortar da minha triſte vida os fios?
Barbaro Irmão!

SELIM.

Senhora, já me auſento.
Tu amavel Herminia, tem piedade
De huma triſte Princeza ſem arrimo,
Sem pai, e ſem irmãos, entre traidore

SCENA VII.

CELIMENE ſó.

JUſtos Ceos! Se tão grande deſventu
Havia ſer da minha vida herança,
Para que me infundiſte tal ternura!
Mas ficar deve ſem caſtigo hum monſt
Que apôz ſi conduzindo o crime, e a n
Intenta devaſtar a terra inteira!
As vitorias que o mundo eſtima tanto,
Não são acções, que o Ceo reputa cri
Mas ſe for tão feliz hum criminoſo,
Quem ſeguirá o impulſo da virtude?

S'

SCENA VIII.

HERMINIA, CELIMENE.

CELIM.

DIze-me, Herminia, em fim Selim he salvo?
Podemos esperar ver Amurathes
Banhando a terra em sangue...

HERM.

Que proferes!
Ai de mim, que fizeste, incauta Herminiá!
Amurathes não deve perdôar-me
Huma traição, que agora reconheço.

CELIM.

Não temas, serás inda mais ditosa.

HERM.

Amurathes, amavel Amurathes,
Chegou em fim o desgraçado instante.
Selim entre rebeldes numerosos,
Vai decepar o curso venturoso
Dos teus dias, que eu tanto venerava.
Herminia essa mulher ingrata, e barbara,
Que te devia tanta recompensa,
Nas suas mãos metteo o mortal raio.
Que lembrança me agita de repente,
Hum horrendo furor me rasga o peito.
Té me parece estar ao golpe vendo

Vôar da mòrte as ſombras pavoroſas.
Ah! Amurathes, eſcapar não pódes,
Tu vás morrer... mas eu ſerei primeiro
A victima dos meus fataes tranſportes.
Comtigo deſcerei á ſepultura....

CELIM.

Onde te arraſta a tua dôr profunda?
Illuſtre Herminia, quanto mal conheces
De hum Tyranno o reinado deſditoſo!
Se no Throno Selim as leis dictaſſe,
Em paz ſerena alegre paſſarias
Tranquillos dias, que dos Ceos deſceſſem.
Então verias as grandezas dadas
Pela rigida mão do mercimento
Da difficil virtude nobre filho,
Sempre invejado, e ſempre perſeguido.
Mas quando hum Rei Tyranno o Sceptro rege
O Vaſſallo cavada a ſepultura
Apôz de ſi a cada inſtante encontra.
A ſoberba, o metal louro, e o capricho
Dirigindo as vontades dos Magnates
Da virtude deſterrão a conducta.
Meſmo tu, ſe ſubindo ao regio Throno
Penſares livre ſer de taes inſultos
Enſanguentada tropa de traidores
Te dará o funeſto deſengano.
Herminia, ceſſa de affligir te, e deixa,
Punir os crimes, caſtigar Tyrannos.

HERM.

Indigna ſou de ver hum tal reinado.

Quando Selim á testa dos rebeldes
O Throno ensanguentar com feias mortes
Commetterá d'hum golpe só dous crimes.
Morrerei, se morrer o meu Monarca.

CELIM.

Táo impio náo será hum peito grato.
A Gratidáo dirige o Heroismo,
Ella fórma a nobreza verdadeira;
Se salvaste Selim, salva Amurathes.
Quero fazer ditoso o teu destino.
Os vastos campos da Judea, e Syria
A minha herança sejáo: de Amurathes;
Sei que he esta a vontade, se quizeres
Para Consorte a máo hoje offertar-lhe.

HERM.

O' Ceos! quanto ditosa náo seria!

CELIM.

D'hoje adiante Rei seja o Tyranno.
O' caro Pai! O sangue se revolta.
A natureza contra mim se agita.
Em fim, Herminia, á gratidáo me dobro:
Acabem d'huma vez tantas desgraças.

ACTO IV.

SCENA I.

AMURATHES, SELIM prezo com cadeias. (1)

AMUR.

ATrevido Selim, que pertendias
A' frente de ſoldados eſtrangeiros
Neſte Serralho entrando occultamente ?

SELIM.

Vingar meu Pai, punir os teus deliɛ̃tos.

AMUR.

Pois neſte ſitio meſmo, que eſcolheſtes
Para theatro das deſgraças minhas
Terás occulta morte; ſe eſperavas
C'o a viſta ſublevar o rude povo,
Pódes em fim perder eſſa eſperança:
Diligente, e ſagaz combino ao longe.

SELIM.

Nas campanhas calquei montões de mortos;
Nem a viſta da morte pavoroſa
Já mais me fez atraz voltar o roſto.

Tu-

(1) *Cativos* companheiros de Selim, ſoldados *armados* da parte de Amurathes.

› desprezo, nada me intimida,
o medo só aterra as almas baixas.
da arrisquei já bastantes vezes
defender o Rei, e a amada Patria,
de premios formar alguma esp'rança.
itava salvar o mis'ro povo,
Deos não quiz, não quiz servir-me a sorte.
nsas, que temo, que me ultrajas?

AMUR.

onfusões entendo já de Herminia,
pallido terror de Celimene,
punida será do seu delicto.

SELIM.

lestino cruel! ó duro fado!
aro monstro derramar intentas
nelhor sangue, que possue a terra?
› resto do grande Mahamede.
iz Celimene... ah! que recordo!
neus sentidos se perturbão todos,
; tremulos joelhos se me abatem.

AMUR.

bem lagrimas brandas, molle pranto;
ão bravo, e intrepido guerreiro
aces molha?

SELIM.

Triste Celimene,
ue em paz a serena luz do dia,
ustos Ceos gozar te não permittem?
'ubo pezaroso, e descontente,

Pa-

Para chorar nos campos venturofos ; (1)
E tu não ficas para envenenares
De hum tal Tyranno os criminofos dias

SCENA II.

HERM., CELIM., AMUR., SELIM.

CELIM.

AH! Herminia infiel, que me enganaſ
Selim, meu caro irmão, hum mefmo inſtai
Nos cobrirá co' o denfo véo da morte.
Amurathes infame defcarrega
Sem fuſto fobre mim o duro golpe.
E tu, mulher perverfa, em paz fegura
Goza dos teus deliĉtos feios, que inda.

HERM.

Sufpende os teus furores indifcretos.
Amurathes eu fou tambem culpada:
Eu mefma pertendia liberta-lo
Sem attender ao teu p'rigofo eſtado.
Se fóra do Serralho o encontrárão
Foi da fua defgraça o triſte effeito.
Eu já foffri afſáz os feus revezes,
E hum peito das triſtezas opprimido

Sem

(1) A lei Mufulmana promette na outra vi
jardins, pomares de fruĉtas com rios amenos, &
Por tanto. o nome de campo não tem nada
Pagão.

Sempre por infelices se enternece.
Hoje mesmo off'receste a Celimene,
Se obtivesses de mim a mão d'Esposa,
Da Syria, e da Judea os largos campos.
Obteve-a: se inda pois a triste Herminia
De ti merece alguma piedade,
Se inda Amurathes, esse nobre amante,
Me não despreza pelos meus descuidos,
Se esta mão... a promessa, que fizeste,
Cumpre: bem vejo, que he sobejo preço
A merito tão curto como Herminia;
Porém de tal Monarca o nobre peito,
He generoso assaz, e não intenta
As grandezas medir dos seus favores.

CELIM.

Que grande coração, que amavel alma!

SELIM.

Essa piedade julgo abominavel.
Não peço a liberdade, nem a vida,
Nasci para mandar, pedir não quero.

AMUR.

Como Herminia pedio, estás liberto.
Com soberbos tambem sou compassivo:
Se as dadas armas contra nós voltares,
O Mundo contará mais hum ingrato:
Entretanto eu te deixo em paz segura:
Pois Throno, Reino, e vida nada valem,
Se ao meu lado não vive a bella Herminia.
Por ella a paz entrar no Cayro vemos,
Por ella somos todos venturosos...

SCE-

SCENA III.

HERMINIA, AMURATHES, AGNOR.

AGN.

SEnhor, acode, tudo eftá perdido.

AMUR.

Celimene, e Selim daqui fe apartem.

SELIM.

Que caftigos os juftos Ceos preparáo
Nefte horrido Paiz, onde os meus olhos
Viráo a luz do dia a vez primeira?

AGN.

Ve-fe o mar de Navios coalhado,
Que já tomáo do Nilo as fete bocas.
Tintas da pavorofa côr do fangue
As bandeiras declaráo fatal guerra;
Efquadróes numerofos junto aos muros
A funeftos eftragos nos preparáo.
Em trinta dias effe Heroe da guerra
Noffos foldados efpalhou vencidos.
Tudo rendeo, náo temos Praça alguma,
Em fim já toca da Cidade as portas.
N'hum pégo de infortunios mergulhado,
O povo em váo em torno dos Altares
Se amontôa proftrado, e reverente.
Senhor, falvai-nos, de tamanhos males.

AMU

AMUR.

Pois não ficou da tropa valeroſa
Dos Mamelucos reſto algum, que poſſa...

AGN.

Só nos reſtárão miſeras reliquias
Deſſe ſoberbo, e tão temido corpo;
E apenas de Bulhão o nome eſcutão,
Das vacillantes mãos lhe cahem as armas.

AMUR.

Morramos ſe he preciſo, mas vingados.
Talvez, que inda a fortuna favoravel...

AGN.

Abandonai por ora penſamentos,
Que poderáõ firmar noſſa ruina.
De docil paz eſcolhe os brandos meios;
Capitão mageſtoſo, levantando
Hum ramo de Oliveira, a nós ſe moſtra,
Dizendo, que fallar-vos pertendia.
Salvái a vida a tantos innocentes.

AMUR.

Entre; e ſerei tão deſgraçado ainda,
Que as leis hum vil Chriſtão dictar-me venha!

SCENA IV.

AMURATHES, HERMINIA.

AMUR.

HErminia, quanto somos desditosos!
Tocavamos apenas o momento,
Em que acabavão tantos infortunios,
Quando a tranquillidade venturosa,
E a paz serena vem arrebatar-nos
Successo tão estranho! mas no meio
Das desgraças não hei de abandonar-te;
Junto de ti acabarei contente.

HERM.

Eu confesso, senhor, Bulhão estimo.
Hum irmão, que Nações tantas respeitão,
E os mesmos povos barbaros venerão.
Fallar-lhe ardentemente desejava;
Mas de outra parte a vossa morte temo.
Ah! Se elle ás minhas lagrimas cedesse!

SCENA V.

GODOFREDO, AMURATHES, HERM. AGNOR.

GODOF.

ORdem do General dos Christãos trego
A paz posso firmar, ou tambem guerra;

As venturosas armas suspendendo
Por hum fio delgado tem pendente
A fortuna de todos os Egypcios.
Os teus Reinos não quer: tranquillo rege
Tudo quanto té qui te tem ganhado.
Manda-te só pedir, que restituas,
A sua irmã, que fora em tenra idade
Roubada pelo Duque dos Normandos.

HERM.

Eu?

GODOF.

Pois sois vós?

HERM.

O mesmo Duque o disse,
Quando exhalava os ultimos alentos.
Novas provas depois se descobrirão
No Palacio de Hamet: nimguem duvída.

GODOF.

Santo Deos protector dos desgraçados
Em que odioso traje a irmã descubro! (1)
Então, senhor, que dizes, pensativo!

AMUR.

Não penso, não: Herminia não entrego.
E tu, audaz Christão pedes por base
De huma paz vergonhosa, e desprezivel
A entrega de Herminia, a mais amavel,

E Mais

(1) Para Amurathes.

Mais pura, e mais gentil d'entre as mulhere
Inda o mesmo valor meu braço anima.

GODOF.

Debalde intentas hoje defender-te:
Vás perder Throno, Reino, vida, e Hermin
Acceita a paz, e deixa o váo orgulho.

AMUR.

Quem és tu vil mortal, que ousas propôr
Co' os teus conselhos féras ameaças?

GODOF.

Devo as ordens cumprir, que me são dad
Dada a resposta, de respente parto.

AMUR.

Pois se Herminia quizer voltar comtigo
A's Patrias regiões, embora volte:
Mas se quizer ficar neste Serralho
Não podereis tolher-lhe a liberdade.

GODOF.

Não se extendem a tanto as dadas orden
Godofredo mandou, isso he bastante.
Corra agoa, ou sangue o Nilo caudaloso
A cinzas fique o Cayro reduzido,
Ou fique como de antes grá Cidade,
He o mesmo: a sentença está lavrada,
E Herminia aos Christãos será levada.

AMUR.

Se costumão nos Reinos estrangeiros

V

eitar Enviados; não succede
Cayro o mesmo. (1)
Morra, que eu o mando.
antes, que as soberbas mãos lhe cinjão
cidos grilhões, cauto o observa.

SCENA VI.

DOFREDO, HERMINIA.

GODOF.

M fim fallar-vos posso livremente.

HERM.

-lo sinto em mim tudo abalar-se.
ie sinto não sei, só sei que sinto
iha confusão, que não entendo.

GODOF.

s alguma luz da Fé de Christo?

HERM.

mas nella instruir-me desejava.

GODOF.

reis dos Christãos volvar ao campo?

HERM.

ver quero hum irmão, que enche d'espanto

E ii Os

(1) baixo a Agnor.

Os mais celebres Póvos do Universo.
Mas depois ...

GODOF.

Mas depois! que intentavas?

HERM.

Voltar para o Serralho desejava.

GODOF.

Que palavras escuto! que palavras
Turbar vierão meus tranquillos dias!
E que indignas prizões te tem ligado
A huma habitação tão injuriosa?

HERM.

Amo ... mas que furor em vós descub
Julgareis que isto seja algum delicto!

GODOF.

Sim: era Amurathes esse objecto amad

HERM.

E hum puro hymeneo hoje uniria....

GODOF.

Basta: de hymeneo tal romper os laço
Santa Religião, que me illuminas
Suffoca o meu espirito agitado!

HERM.

Porque, senhor, estais tão furioso?

Não sei, que vos diviso, que me atterra:
Talvez, que o mesmo irmão mais compassivo...

GODOF.

Não seria: zeloso como eu mesmo
Pela honra vossa seus dias cortavas.

HERM.

Qual he o vosso nome, e a vossa origem;
Vós, que por mim mostrais tanta ternura?

GODOF.

Só me foi concedido vir do campo,
Depois, que por solemne juramento
Encobrir prometti o meu estado.
Mas sei de Godofredo os sãos costumes:
Sei, que o ver-vos em outra lei diversa,
Desprezando as pizadas sempre puras
Dos Reis vossos Augustos Ascendentes,
Ser lhe-hia ainda mais intoleravel,
Que a mesma morte. Tudo conspirava
Para tomar seus dias venturosos,
Só huma irmã, em quem achar devia
A ternura maior, mais amizade
Duro punhal no coração lhe crava.
Escutai, e ouvireis, que está clamando,
Nestes mesmos lugares, que pizamos
A lembrança de Martyres illustres,
Que o vosso nobre sangue derramárão
Na Confissão da Fé; tambem soubestes,
Que nós viemos de distantes climas
Por *venerar* os campos sacrosantos

Da noſſa redempção ſeguras provas.
Hum ſangue tal ſó vós manchais, perjura?

HERM.

Se o meſmo irmão eu vira, e lhe fallára,
Talvez, que cheia do reſpeito immenſo,
Que por fama lhe tenho, apagaria
Huma chamma, que tanto me deſluſtra.
Mas, que ſem elle ainda eſtimo tanto.

GODOF.

Pois ſe o meſmo irmão aqui vos viſſe,
E ſoubeſſe do amor tão deteſtavel...

HERM.

A dizêlo talvez não me atreveſſe.

GODOF.

Mas vós depois o Cayro deixarieis.

HERM.

Deixaria.

GODOF.

A que provas vejo expoſtas
Da minha antiga fé os ſantos reſtos!
Amada irmã do triſte Godofredo,
Se inda te he caro...ſabe, que elle meſmo
Mas que faz a minha alma arrebatada,
Vai quebrar o ſagrado juramento!
Se o Ceo ordena, que me não declare,
De Deos as ordens pódem ſer injuſtas!

HERM

HERM.

Fallai, myſterios tantos declarai-me:
Vós me enchêis de terror, e de alegria.

GODOF.

Amada Herminia, ſe hum irmão te lembra....

HERM.

Em fim eſcuto a voz da natureza,
Vejo dos meus occultos ſentimentos,
Qual tinha ſido a verdadeira origem!
Eu vos conheço, meu irmão amado:
E podeſte eſconder-me tanto tempo
A voſſa ſorte, e o voſſo grande nome?

GODOF.

A vingança celeſte embora ſolte
Sobre o meu peito o ſeu poder terrivel.
Eu deſobedeci, eſtou culpado...

HERM.

Pois he culpa o tirar-me deſte engano,
E á luz tornar-me, que perdido tinha?

GODOF.

Eu tomei huma lei aſſáz pezada
Para a poder ſuſter por tanto tempo.

HERM.

Mas para o campo, como tornaremos?
O ſagáz *Amurathes* deſconfia...

SCENA VII.

HERMINIA, AMUR., GODOF., AGNOR.

AGN.

TRaidor, são conhecidos teus enganos;
Por elles manda o Grão-Sultão punir-te.
Deitem-se-lhe cadêas.

GODOF.

(Que desastre!)
Entre vós não se guardão os direitos
Sagrados entre os mais incultos povos?
Vós quebrantais infames a palavra,
Que devia formar vossa grandeza?
Quebrai embora, mas tremei, traidores:
Apenas se souber a minha sorte,
Nem hum só Musulmano á morte escapa.
Nem me assusta da morte a triste idêa;
Mais custão estes horridos momentos.
Para co' os meus iguaes tem seus encantos
Perder a vida, quando falta a honra.

AGN.

Os gostos do Sultão são leis sagradas,
Nas quaes deveis humilde resignar-vos;
Mais que simples prizão dar vos intenta,
Ordenou, que hoje em triste cadafalso
Terminem vossos perigosos dias.

HER

HERM.

Que inſtante, que momento tão terrivel!
Deſeſperada tenho dos infernos
Todas as furias no raivoſo peito.
Amurathes infame, irei eu meſma
O coração raſgar te em mil pedaços.
Eſtas meſmas columnas ſalpicadas
De eſpadanas do teu indigno ſangue
Dos teus crimes ſeráõ padrões eternos.
Tua alma deſcerá exaſperada
A receber caſtigos horroroſos
No lugar, onde jazem os traidores
Indignos, como tu, da luz do dia.
Se eſperavas paſſar impunemente
Por tantas culpas, por delictos tantos,
O juſto Deos, que não perdôa o crime,
Eſſe Deos vingador arma o meu braço. (1)
Treme, Tyranno, e cahe aos duros golpes...

GODOF.

Para: que hum crime não nos juſtifica
Para emprendermos outros com juſtiça.

AMUR.

O' lá, guardas, lançai ſem piedade
Duros grilhões ás mãos daquella infame.
He Herminia, quem deſte modo falla!
Ambos experimentem dura morte,
He inda a tanta culpa pena branda.

ACTO

(1) *Tira hum punhal, caminha para Amurathes, he retirada por Godofredo, que ficava entre elles.*

ACTO V.

SCENA I.

AMURATHES, AGNOR.

AMUR.

AGnor, depressa vai: não te demore
Herminia seja solta, apaixonada
Os passados insultos não pensava.

AGN.

Sem ella socegado sobre o Throno
Estarias: ás vezes compassivo
Herminia defendi, quando pensava,
Que a virtude sómente conhecia.
Mas hoje, vendo culpas tão atroces,
A compaixão deixei: recto Ministro
Tuas ordens cumpri em pouco tempo.
Póde ser, que ambos já tenhão expiado
Com a morte os delictos commettidos.

AMUR.

Ah! que fizeste! a desgraçada Herminia
Que crimes commetteo? Infame, falla.
Querias acabar meus tristes dias,
Sabias, que viver não poderia

Sem Herminia, e cruel rafgas hum peito,
Onde encerrado eftava o meu deftino?

A G N.

O feu furor defculpa as ordens tuas;
E eu fómente cumpri-las intentava.

A M U R.

Inda de novo vens injuriar-me?
Intentas com palavras venenofas,
Indigno lifongeiro, feduzir-me?
Herminia ouvindo decretada a morte
D'hum caro irmão, que via a vez primeira,
Nem ter devia o defculpavel zelo,
Que o feu fangue no peito lhe infpirava?

A G N.

Deixai, fenhor, que parta a liberta-la;
Innocentes punir ferá injufto.

A M U R. (1)

Primeiro rafgarei com efte ferro
O teu peito feróz: primeiro quero
Defpedaçar-te o coração infame
Nas trementes entranhas palpitantes,
E depois dirigindo o facro alfanje,
No teu fangue banhado, ao proprio peito,
Goftofo offertarei hum facrificio
A' lembrança de Herminia fempre cara.
E tu lá da morada foberana,

On-

---

(1) *Tirando* o alfange.

Onde em descanço gozas paz seren
Dirige o debil braço a quem anim
Cansado, e frio sangue as fracas
Sobreviver-te, Herminia, não dese
E se o Mundo disser, que sou tyr
Dirá ao menos, que tambem fui
O corpo vil será tão sacrosanto,
Que não possa a nossa alma livreme
Suas prizões deixar quando precisa!
Que formidavel crime commettemo
Em apressarmos hum funesto instan
Que mais tarde, ou mais cedo o Ceo n

SCENA II.

OFFICIAL, AMURATHES, A

OFFIC.

DEbalde Herminia defender-te i

AMUR.

Herminia ainda vê a luz do dia!

OFFIC.

Sim: ambos por teu mal respirão

AMUR.

Quem os salvou? que trance, que su

OFFIC.

Godofredo impaciente caminhava

Entre guardas, para huma, e outra parte
Os inquietos olhos revolvendo;
De quando em quando os braços levantava,
E as pendentes cadêas realçava
O terror, que elle todo respirava.
Eis-que subito pára, e de entre as guardas
Impetuoso solta as mãos terriveis.
Levantou-se hum estrondo pavoroso.
Muitos Christãos, que andavão disfarçados
Companheiros daquelles que prendeste,
Quando por ti Agar foi descuberto,
Os turbantes de repente atraz deixárão.
Mudos, e fortes, golpes repetindo
Não conhecião da eloquencia o uso.
Ao mesmo tempo o exercito se abala,
E quando apenas ás muralhas chega,
Lanção por terra as arrombadas portas.
Eu vi nas suas mãos assoladoras
Por mil partes saltar o mortal raio,
Que rápido vôou por todo o Cayro.
Altas rimas de corpos moribundos
Exsangues jazem nas desertas ruas,
Victimas tristes das fataes espadas.
No meio da carnagem furiosos
Em altas vozes Amurathes chamão...

A M U R.

Segue-me, Agnor, morramos, mas vingados.

A G N.

No Serralho melhor nos defendemos.
Ninguem salvar-se da Cidade pòde,

E

E todos buſcaráõ ſeguro aſylo
Neſte lugar ſagrado: não partamos,
Se partimos daqui, vamos perder-nos.

OFFIC.

E Herminia, que tanto vos procura,
Talvez obtido tenha a voſſa vida.

AMUR.

Eu viver para não ver mais Herminia!
Ella longe daqui ſerá levada.
E eu! eu baldadas lagrimas vertendo
Paſſarei dias de aſpera amargura!
Não: mais depreſſa ſoffrerei a morte,
Do que viver ſem honra, e ſem Herminia!
Eſte alfange, que já por tantas vezes
Tenho valoroſamente ſuſtentado,
Em inimigo ſangue vá tingir-ſe.
A morte irei buſcar no centro meſmo
De armados eſquadrões: ſe Herminia virdes,
Dizei-lhe, que Amurathes ſoube amá-la,
Venerá-la, e em fim morrer por ella.

SCENA III.

OFFICIAL ſó.

CEga ambição, funeſto, e triſte eſcolho,
Onde tropeça a debil natureza,
De ti brotão os crimes, e as deſgraças!

SCENA IV.

HERMINIA, OFFICIAL.

HERM.

HE entrado o Serralho, e eu não descubro,
Onde se occulta o misero Amurathes.
Não posso por ventura já valer-lhe?
Já cortárão os seus infaustos dias?
Já os crueis... porém tu não respondes?
A Terra, o Ceo, e Deos tudo parece
A tantos ais estar empedernido!
Ninguem d'huma infelice tem piedade!
A's minhas tristes lagrimas sentidas
Té o teu coração está gelado?

OFFIC.

Não: mas para que queres, que eu augmente
A tua desventura, e o teu desgosto?
Dizer-te poderei... ah! desgraçada!
Se Amurathes Herminia não amasse,
Talvez, que inda...

HERM.

Talvez, que não morresse?
Já, Ceos piedosos, esta mão iniqua,
Vibrando infame ferro pertendia
Mergulhar-se no seu Augusto peito:
Vós, que só retivestes o traidor braço,
Agora não *queirais*, que eu seja a causa

Da

Da morte de hum Monarca desgraçado;
Que innocente julgaste ha pouco tempo.

OFFIC.

O teu amor foi a funesta origem
Das desventuras, que em tropel o cerci
Godofredo, talvez, lhe perdôara,
Se a cada instante se lhe não pintasse
A honra, e amor, que Herminia lhe offeru

HERM. só.

Pois isto foi em mim algum delicto!
A Fé de Christo ainda não sabía.
A voz da natureza he favoravel,
E Mafoma o consente, e favorece.
Então em que terei sido culpada!
Ah! barbaro Paiz...

SCENA V.

GODOFREDO, HERMINIA, SOLDADO

GODOF.

Correi, soldados.
Minhas ordens cumpri, morra o Tyran

HERM.

Senhor, meu caro irmão... sêde piedoso
Huma alma de desgraças opprimida,
Sem razão... ás paixões abandonada,
Deve encontrar em vós alguma graça:

)-vos hum favor, favor extremo.
de ſupplicante triſte eſtado,
pranto, de irmã o terno nome
s humidos joelhos, que vos beijo,
em formar em vós hum peito brando.

GODOF.

ıe-te, Herminia, e pois já conheceſte
uneſto caminho de teus erros,
ı, pede, verás como depreſſa
:uas petições cumpro contente.

HERM.

, ſenhor, nada mais pedir-vos quero;
que a vida do miſero Amurathes;
Jeruſalem embora eu parta;
Cayro como d'antes reinar póde
infeliz Monarca ſem Herminia.
he preciſo, que hum Principe venha
;ir com a ſua illuſtre morte
Jeruſalem meus triſtes paſſos?

GODOF.

'u crime merece alto caſtigo.
m como pediſte, e além diſſo
ıum mal d'hum vencido nos reſulta;
tanto, que o deſprezes, vai livra-lo.

HERM.

Deos de amor (ſe algum Numen (1)
ão ſagrados laços tem cuidado)
recei os meus ſinceros votos,

F Ou

(1) A' parte.

Ou então pela negra sepultura
Guiai meus passos á morada eterna,
Onde em profunda noite os mortos jaz.

SCENA VI.

GODOFREDO só.

SAngue espalhado sem razão detesto.
A brandura dirija os meus conselhos.
Vivo Amurathes fique, se insensato
Com o meu sangue não intenta unir-se.
Se os Tyrannos da terra vingativos,
Orgulhosos, altivos, e soberbos,
Querem, que se dobrem os joelhos,
O que sómente a Deos fazer-se deve;
Se querem, que os que tem a mesma origei
Lhe concedão porções de divindade,
Como se dos Ceos seus avós descessem,
Lavando em sangue a mais ligeira affront
Eu chamo pelo Tribunal tremendo
Desse Deos vivo, vingador dos crimes,
De vós, grande Deos, que elles tanto ultrajão
Tambem os chamo ao coração dos homei
Aonde o centro dos segredos mora.
Que confusão, que espanto, que surpreza
Dentro de si terião, quando vissem,
Que os mesmos lisongeiros, que os incensão
Os julgão os mais loucos d'entre os homen
Hum Rei sabio diverso pensa sempre;
A gloria d'hum Monarca he ser amado.

SC

SCENA VII.

GODOFREDO, SELIM.

GODOF.

Orém que vejo, tu, Selim, turbado . . .

SELIM:

! Senhor!

GODOF.

Falla, acaba.

SELIM.

Já Herminia . . .

GODOF.

ncontrou Amurathes?

SELIM.

Ceos! que encontro
he destinou o fado! de feridas
murathes crivado, já morrendo
erdia a esp'rança de nos ser funesto.
Orém apenas vé ao longe Herminia,
oma alento: nos olhos expirantes
um fogo abrazador se renovava.
u te perco: diz elle, e mais não pôde:
erminia furiosa hum ferro tira,
voltando contra o proprio peito;
Mas já na minha boca a voz expira . . .
Ambos *morrêrão* . . .

GO

GODOF.

Que fatal desgra
Herminia, minha irmã, Herminia he r
He morta Musulmana, e eu vivo ain
O' natureza, santa natureza,
Quanto os teus sentimentos erão cert
Eu mesmo lhe cravei no peito o fer
Eu que vê-la deixei hum tal amante,
Que moribundo já suppor devia.
E accesos raios sobre mim não soltão
Todo o furor da cólera celeste!
Quem lavará o meu delicto enorme!

SCENA VIII.

GODOFREDO, SELIM, HERMINI sanguentada.

GODOF.

CEos! q objecto de dôr minha alma
Sois vós, Herminia! tão amavel vida

HERM.

E tornei inda meu irmão, a ver-te!
Chegai-vos, abraçai-me, antes, que

GODOF.

Que furor te obrigou, inf'liz Princez
A manchar co' o mais negro dos delic
A longa serie das acções virtuosas,
Que tanto tempo tinhas sustentado?

HERM.

Amurathes formava os meus desígnios.
Desde agora os meus dias são completos.
Elle morreo ás vossas mãos severas;
E eu! eu o seguirei na noite eterna.
Este o dever extremo, que me resta.

GODOF.

Eu levado por hum furor zeloso,
Que a sã Religião sempre me inspira,
Acabei incautamente os vossos dias.

HERM.

Essa Religião em fim conheço.
Longo tempo vivi abandonada
Ao pezo enorme das paixões humanas.
Porém agora hum raio luminoso,
Cuja força conheço a vez primeira,
Me illumina, e me abraza o peito ardente.
Meu Deos vós me rasgais o véo escuro,
E já á luz da verdade os olhos abro.
A razão, que julguei por largo espaço,
Segura guia nas acções humanas,
De despenho em despenho deo comigo
No pavoroso abysmo em que me vejo.
Fui assáz infeliz por ter sahido
Do sangue, que nas vossas veias pulsa;
Fui assáz infeliz por ter deixado
Os vossos sãos, e sólidos conselhos.
Mas nesta hora final me lembro delles.
Antes que expire, ser Cristã ordeno.

En-